

A atividade estratégica realizada por meio das anáforas associativas

Mara Terezinha dos Santos¹, Aparecida Feola Sella²

¹Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

²Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

guterresmara@bol.com.br, afsella1@yahoo.com.br

Resumo. Segundo Koch (2004), o texto institui-se como o lugar próprio da interação, por meio do qual os sujeitos interagem e, para isso, mobilizam os recursos lingüísticos que a língua nos põe à disposição, os quais se constituem como uma série de estratégias que funcionam como instruções ou sinalizações na orientação do sentido. Nessa perspectiva, o processo de referenciação, como recurso lingüístico que atua não só na progressão textual, mas também na orientação discursiva, configura-se por isso, como uma escolha estratégica empreendida pelo autor do texto. Com base nessas considerações, o presente trabalho propõe uma análise acerca do processo referencial, realizado pelas anáforas associativas, na crônica “A cigarra e a formiga: a nova versão”, de Moacyr Scliar, veiculada pelo Jornal Folha de São Paulo. Nessa pesquisa, ainda inicial, objetiva-se analisar a constituição da teia referencial dada pelas anáforas associativas, como recurso lingüístico e discursivo empreendido estrategicamente pelo autor do texto com vistas à construção do sentido. Para tanto, tomou-se como aporte teórico os estudos de Zamponi (2003), Koch (2004, 2006), Marcuschi (2005, 2007), entre outros, numa análise que compreende o processo referencial como um trabalho criativo e estratégico que visa a construção do sentido e do viés humorístico dado ao fato narrado, na sua recriação por meio da crônica.

Abstract. According to Koch (2004), the text became the proper place for interaction, by mean of it the subjects interact, and so they use the linguistic resources available by language as a series of strategies which functions are guidelines or signals in the sense orientation. On such a perspective, the referenciation process, as a linguistic resource that operates not only in the textual progression but also in the discursive orientation, is a strategic choosing undertaken by the text author. Based on those considerations, this paper proposes an analysis on the reference process of associative anaphors in the chronicle “A cigarra e a formiga: a nova versão”, of Moacyr Scliar, published by the journal A Folha de São Paulo. This research, still in the beginning, intends to analyze the reference web constitution given by the associative anaphors, as a linguistic and discursive resource, strategically undertaken by the text author for the sense building. For that, the studies of Zamponi (2003), Koch (2004, 2006), Marcuschi (2005, 2007), and others were employed as theoretical support to an analysis that understands the reference process as a creative and strategic work that wants the sense building and,

from the given humoristic bias to the narrated fact in its recreation by mean of the chronicle.

Palavras-chave: referenciação, anáforas associativas, sentido.

1. Referenciação e sentido

De acordo com Koch (2004), o texto institui-se como o lugar próprio da interação, por meio do qual os sujeitos interagem e, para isso, mobilizam os recursos lingüísticos que a língua nos põe à disposição, os quais se constituem como uma série de estratégias que funcionam como instruções ou sinalizações na orientação do sentido.

Nessa atividade, o processo de referenciação, na operação lingüística de introdução e remissão de objetos de discurso, na progressão textual, mais que referendar um segmento lingüístico do texto, centra-se na orientação do discurso aos propósitos comunicativos.

Assim, a teia referencial, dada pelo processo anafórico e catafórico, institui-se no texto por meio de relações correferenciais, entre termos co-textuais, e por relações ancoradas em aspectos semânticos, cognitivos e inferenciais. Nessa atividade de introdução e remissão de objetos de discurso se dá a categorização e recategorização destes e também a construção do sentido dos textos.

Considerando tal pressuposto, propõe-se a análise do processo referencial, por meio das formas nominais anafóricas associativas, na crônica *A cigarra e a formiga: a nova versão*, de autoria de Moacyr Scliar.

2. A teia referencial constituída pelas anáforas associativas

Para Koch (2006b) as anáforas indiretas cuja dependência interpretativa está relacionada a aspectos léxico-semânticos são denominadas como anáforas associativas, pois, de acordo com a autora, as anáforas não-correferenciais do tipo semântico baseiam-se em pistas dadas pelo léxico, por meio da exploração de relações meronímicas. Consideradas como um subtipo das anáforas indiretas, as anáforas associativas, segundo Koch (2006b), apresentam as seguintes características prototípicas:

a) a expressão anáfora associativa – SN₂ – introduz, sob o modo do conhecido, um referente novo (portanto, não há correferência): supõe que o interlocutor possua os conhecimentos necessários para ‘saturar’ a interpretação referencial.

b) há menção prévia de um outro referente – SN₁ – que fornece elementos necessários para a saturação do referente novo.

c) é uma anáfora indireta, isto é, há necessidade de proceder as inferências para a saturação adequada do SN₂.

d) SN₂ mantém uma relação semântica de meronímia ou ingrediência com SN₁.

Assim, as anáforas baseadas no léxico apresentam, em geral, relações partitivas, ou seja, constituem-se em: parte em sentido restrito (relações parte – todo/inclusões) e parte em sentido mais lato (relações do tipo: atributo de, produto de, requisito de, etc.).

Ancoradas à âncora textual por traços de inclusão dados pelo vínculo semântico, as anáforas associativas são, portanto, ativadas por relações que se explicitam nos itens lexicais. Koch (2006b) reitera, porém, que nem sempre é possível uma delimitação estrita entre o conhecimento semântico e o conceitual, visto que ambos estão estreitamente acoplados na memória de longo termo.

Marcuschi (2007), porém, mantém a denominação indireta para os tipos de anáforas não-correferenciais que apresenta, os quais, segundo o autor, podem basear-se no léxico (tipo semântico), em conhecimentos de mundo (tipo conceitual) e em inferências fundadas no texto (tipo inferencial). Para as anáforas do tipo semântico, Marcuschi (2005) acrescenta como subtipos: i) as anáforas indiretas ancoradas nos papéis temáticos dos verbos, ii) as ancoradas em relações semânticas inscritas nos SN definidos, e iii) as baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais (os frames). No primeiro e segundo casos, a resolução das anáforas associativas vincula-se, principalmente, ao conhecimento lexical. Ou seja, os anafóricos pertencentes ao tipo semântico apóiam-se em âncoras textuais de natureza lexical. Já no terceiro caso, a resolução das anáforas associativas baseia-se no conhecimento lexical vinculado ao conhecimento dado pelos modelos cognitivos socialmente organizados em nossa memória. Aqui, os anafóricos associam-se ao termo-âncora como elementos que, culturalmente e lexicalmente, o integram.

Zamponi (2003), porém, em seu estudo sobre anáforas associativas, rejeita a redução destas à perspectiva semântica, embora concorde que se constituam num subtipo das anáforas indiretas. Entretanto, propõe que fatores de ordem cognitiva e pragmática atrelados à dimensão discursiva-interacional são domínios interdependentes e também imprescindíveis à resolução das anáforas associativas.

Nesse sentido, Zamponi (2003) postula que a anáfora associativa é um fenômeno discursivo, uma vez que envolve não só o saber lexical, mas também crenças, conhecimentos enciclopédicos e culturais, os quais constituem a base comum e necessária para que os parceiros da interação possam ativá-los e assim estabelecer a interpretabilidade. E, por isso, reduzir a interpretação das associativas ao dado semântico seria desconsiderar os aspectos discursivos e a atuação dos sujeitos. Assim, sobretudo, por considerar que as pistas referenciais orientadoras são negociadas pelos parceiros na interação, a autora defende que os aspectos de natureza interacional e também inferencial imbricam-se aos semânticos na atividade discursiva.

E, portanto, em concordância com os princípios que norteiam a concepção acerca do conceito de anáfora associativa propostos por Zamponi (2003) os tomamos como pressupostos orientadores à análise que empreendemos nesse trabalho. Para tanto, estabelecemos como recorte de análise o estudo das anáforas associativas baseadas em modelos cognitivos ou frames (cf. MARCUSCHI, 2007). Nesse propósito, apontamos para uma abordagem que, além da dimensão semântica, considere as várias estratégias mobilizadas pelos interlocutores para que se efetive o processamento textual. Nesse caso, a compreensão da teia anafórica associativa instituída na crônica de Scliar, cujo processo de produção caracteriza-se pelo estilo peculiar do autor como cronista da *Folha de São Paulo*.

3. O processo de produção de crônicas criado por Moacyr Scliar, na Folha de São Paulo

Publicadas semanalmente, na seção Caderno do Cotidiano, as crônicas de Scliar situam-se no espaço destinado, pelo jornal, a notícias de natureza diversa, ou seja, de fatos que compõem o cotidiano da vida e do jornal, do próprio cotidiano que o autor toma de base e inspiração para a narrativa ficcional. Nesse estilo peculiar de produção que adota no *Jornal Folha de São Paulo*, o cronista produz um texto de ficção que se baseia em notícias publicadas no próprio jornal.

Citada de forma integral ou parcial, a notícia que serve de mote para a crônica é, portanto, parte integrante do texto ficcional. E, desse modo, constitui-se como um elemento que contextualiza e informa ao leitor acerca do processo de produção da crônica. Da mesma forma, as informações sobre a data e a seção onde a história foi publicada, assim como a nota ao final da crônica, que cita sua autoria e reitera que se trata de uma narrativa ficcional baseada em notícias publicadas na Folha, configuram-se como dados que orientam a leitura do texto.

Assim, ao recriar o fato por meio da narrativa literária, o cronista o enfoca sob o seu ponto de vista, o que permite afirmar que na crônica há um entrecruzamento de gêneros, ou seja, o fato real é recriado sob a sua perspectiva e, assim há no texto ficcional uma aproximação com o texto de opinião. Para Melo (2005, p. 147), o lugar da crônica no jornalismo luso-brasileiro é o das páginas de opinião, o que a situa entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real. E, nesse trabalho dialógico de reconstrução temática em que se dá a produção de crônicas, o escritor, de forma sutil, irônica ou em tom de humor expressa o seu ponto de vista sobre os fatos ou situações do cotidiano, pois conforme Melo (2005)

Ademais do lirismo que o cronista empresta ao resgate de nuances do cotidiano, sua matéria contém ingredientes de crítica social, donde seu caráter é nitidamente opinativo. É o palpite descompromissado do cronista, fazendo da notícia do jornal o seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos sem sempre revelada claramente pelos repórteres ou articulistas. (MELO, 2005, p. 150)

Situada na fronteira entre a literatura e o jornalismo, a crônica permite, portanto, ao escritor a “livre expressão” que a literatura oferece, sobre a qual Barthes (2000) afirma que

As forças da liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é um apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ela exerce sobre a língua. (BARTHES, 2000, p. 17).

Assim, ao deslocar, reconstruir o fato real por meio da narrativa ficcional, reconstrói-se também o sentido do texto. Esse movimento de construção dos sentidos revela um texto híbrido, carregado pela paráfrase e toda a gama de efeitos de sentido, desde a polissemia e até mesmo a metáfora, já que há uma relação entre o fato e a ficção. Os laços de retomada rendem de forma criativa a aparição de anáforas associativas, como recurso estratégico na (re)criação de objetos de discurso, no texto ficcional.

4. Uma tentativa de análise

No modo peculiar de produção de crônicas criado por Scliar, o texto jornalístico incorpora-se ao ficcional instituindo-se como texto-base à composição da narrativa, à qual fornece o conteúdo para recriação dos fatos sob o viés literário. Nesse processo híbrido, permeado pelo jornalismo e pela literatura, instaura-se um movimento anafórico que estabelece relações não só co-textuais (no interior da crônica), mas também contextuais, uma vez que os objetos discursivos constituídos na narrativa reportam-se, também, ao texto-base.

Na teia referencial instituída na crônica tomamos dentre as diferentes estratégias de referenciação, aquela dada pelas anáforas associativas baseadas em esquemas cognitivos e realizados por meio de expressões nominais (formadas por um nome antecedido por um artigo definido, indefinido ou demonstrativo).

Nesse processo referencial, as anáforas associativas têm a função de instituir ou reconstruir o frame ao qual se ancoram. Assim, na retomada do fato jornalístico, o frame que forma o cenário em que se dão os fatos é reelaborado de acordo com os propósitos do cronista. E, na reelaboração dos frames, por meio das anáforas associativas, se (re)categorizam os objetos presentes no universo discursivo, assim como se reconstrói o sentido do texto, como pode-se observar na análise da crônica *A cigarra e a formiga: a nova versão*, transcrita abaixo, cuja análise será demonstrada na seqüência.

Uma nova pesquisa sugere que as formigas são traiçoeiras, egoístas e corruptas, contrariando a imagem de insetos de convivência harmoniosa e com predisposição para colocar o bem da humanidade acima de preocupações pessoais. Os pesquisadores Bill Hughes, da Universidade de Leedes, no Reino Unido, e Jacobus Boomsma, da Universidade de Copenhage, na Dinamarca, descobriram que determinadas formigas conseguem burlar o sistema, garantindo que seus filhotes se tornem rainhas reprodutivas em vez de operárias estéreis: “Essas formigas têm um gene ou genes ‘da realeza’, que lhes dá uma vantagem injusta e permite que tapeiem muitas de suas irmãs altruístas em sua chance de se tornarem rainhas”, diz Hughes. Folha Online.

A cigarra e a formiga (traduzida por Bocage): “Tendo a cigarra em cantigas/ passado todo o verão/ achou em penúria extrema/ na tormentosa estação./ Não lhe restando migalha/ que trincasse, a tagarela/ foi valer-se da formiga/ que morava perto dela./ Rogou-lhe que lhe emprestasse/ pois tinha riqueza e brilho/ algum grão com que manter-se/ até voltar o estio./ “Amiga”, diz a cigarra./ “Prometo, à fé de animal, pagar-vos antes de agosto,/ os juros e o principal.”/ A formiga nunca empresta,/ nunca dá, por isso junta./ “No verão em que lidavas?”/ à pedinte ela pergunta./ Responde a outra: “Eu cantava/ noite e dia, a toda hora”./ “Oh! Bravo!”, torna a formiga./ “Cantavas? Pois dança agora!”

Dançar, a cigarra quase dançou, mas no sentido figurado. Sem quase nada para comer (entre as cigarras não existe o *Fome Zero*), ela mal conseguiu sobreviver ao longo e tenebroso inverno. Mas, felizmente, a cruel estação passou e ali estava a cigarra, desnutrida, fraca – mas viva.

Viva e ressentida. Contra a formiga, obviamente. Não saía de sua cabeça o diálogo que tivera com a cruel vizinha, a quem, afoitamente, pedira ajuda. Na verdade, nem fora bem isso; pedira **um empréstimo**, para ser pago, com os juros de mercado. Uma transação perfeitamente admissível e que a formiga teria até obrigação de aceitar. Mas não, não aceitara, e por causa disso a pobre cigarra quase passara desta para melhor. Sobrevivera, mas já não tinha

nenhuma vontade de cantar. Poderia fazer shows em vários lugares, convites não lhe faltavam; o traumatismo emocional, porém, a impedia.

E foi então que leu a notícia sobre o maquiavelismo das formigas. Essas criaturas “traíçoeiras, egoístas e corruptas” eram, segundo respeitáveis cientistas, capazes de qualquer coisa para arranjar uma boquinha para a prole na corte (de preferência com cartão corporativo).

Recorte de jornal em punho, foi procurar a formiga, que, nesse meio tempo, inaugurara **uma financeira** e agora emprestava **dinheiro a juros** a todos os insetos da vizinhança. A cigarra teve certa dificuldade em ser admitida no estabelecimento, mas finalmente chegou à formiga. e aí, vibrando de indignação, leu-lhe a notícia e fez um verdadeiro comício: vocês, formigas, são a vergonha do reino animal, vocês não valem nada, só pensam em forrar o bolso etc.

A formiga ouvia, impassível. Quando a cigarra terminou, lembrou que o inverno estava se aproximando; portanto, se a cigarra quisesse um empréstimo, seria bom fazê-lo naquele momento – a tendência dos juros futuros era, segundo todas as previsões, de alta. Se a cigarra não quisesse o empréstimo, o caso seria mesmo dançar. Providencialmente, uma filha da formiga tinha acabado de inaugurar uma escola de dança. Ali, mediante módico pagamento, a cigarra poderia até aprender a dançar naquele sensacional balé, “A Dança dos Juros”..

Para a composição da crônica, Scliar toma como texto-base a notícia veiculada pela *Folha Online* que traz como informação principal a descoberta científica de que, ao contrário do que se pensava, as formigas são traíçoeiras, egoístas e corruptas, ou seja, podem burlar o sistema e “tapear” suas irmãs.

E, para reiterar essa informação, o cronista traz um segundo texto-base: a fábula *A cigarra e a formiga*, na tradução de Bocage. Nessa versão da fábula ressalta-se o caráter egoísta da formiga, que se confirma nos versos “A formiga nunca empresta, nunca dá, por isso junta”.

A escolha da fábula, uma dentre as várias versões da fábula *A cigarra e a formiga*, de Esopo, não só confirma o já apontado pelo texto jornalístico, como também colabora com os propósitos do autor na reelaboração dos fatos, na composição da crônica.

Assim, na crônica *A cigarra e a formiga: a nova versão*, ao retomar o fato narrado pela *Folha Online* e pela fábula traduzida por Bocage, o cronista os reelabora ao criar um enredo em que o pedido de ajuda da cigarra à formiga baseia-se em uma transação comercial. Nesse contexto, a teia referencial, formada pelas anáforas associativas, na crônica, ancora-se em frames ativados por meio de conhecimento de natureza lingüística, cognitiva e interacional, como pode-se observar nos quadros que seguem:

Quadro I

Âncora textual	Análise Associativa
----------------	---------------------

1. Empréstimo: pedido de ajuda	a) O fome zero
	b) Os juros do mercado
	c) Uma transação perfeitamente admissível

Nesse caso, as expressões anafóricas *(b) os juros de mercado* e *(c) uma transação perfeitamente admissível* ancoram-se ao termo antecedente *um empréstimo* que, pelo caráter informal caracteriza-se como um pedido de ajuda à cruel vizinha, fato que reporta-se também ao pedido de empréstimo, da cigarra à formiga, mencionado na fábula que antecede a crônica.

Aqui, os anafóricos dados pelos SN₂ *(b) os juros de mercado* e *(c) uma transação perfeitamente admissível*, estabelecem uma relação semântica com o SN₁ (um empréstimo), o qual permite que as expressões nominais sejam ativadas por meio da associação meronímica, em que (b) e (c) constituem-se como ingredientes do universo que o compõe. Desse modo, portanto, a relação entre o termo-âncora e os anafóricos baseia-se tanto no vínculo lexical que possibilita associar os SN₂ ao SN₁ como elementos de um mesmo campo semântico, quanto no vínculo cognitivo que culturalmente reconhecemos como o frame que constitui um empréstimo, mesmo sendo este de natureza informal como propõe a cigarra à formiga.

Outro fator que permite relacionar o pedido de empréstimo a uma forma de ajuda vincula-se ao fato de que a proposta fora feita pela cigarra, o que dá às expressões *os juros de mercado* e *uma transação perfeitamente admissível* uma outra conotação, ou seja, caracteriza-se como uma forma de benefício à proponente e, portanto, como uma forma de auxílio solicitada, em vão, à formiga. Sob essa perspectiva, o anafórico *os juros de mercado* ativa-se por meio do conhecimento de mundo que temos a respeito do universo financeiro, no qual essa expressão denota uma forma de empréstimo considerada razoável, já que a taxa de juros não excede aos valores de mercado. E, por isso, como propõe a cigarra, trata-se de uma transação perfeitamente admissível. Há, nessa relação entre o anafórico e o termo-âncora (empréstimo – pedido de ajuda) uma associação dada pelo vínculo lexical, pelo conhecimento de mundo a respeito do frame empréstimo e dos elementos que a ele se incluem, mas, principalmente, pelo vínculo associativo que se instaura no discurso e que se ativa no contexto de recriação da fábula.

Essa mesma relação se dá com o anafórico em (a) *o Fome Zero*, aqui a expressão nominal ancora-se ao frame *ajuda* numa relação que não se baseia no conhecimento lexical, mas ampara-se no conhecimento de mundo que temos a respeito do Programa de Combate à fome, criado pelo Governo Federal, como uma forma de auxílio aos brasileiros mais carentes. E, na narrativa, a relação entre programa de governo e a personagem revela um certo tom irônico, captado somente pelo conhecimento de mundo, pois é preciso fazer correlações para se entender o real sentido de se recorrer a um dispositivo distante dos círculos de sentido que se embutem na fábula em pauta. Sendo assim, não havendo a opção pelo programa de governo, a cigarra recorre à formiga. Desse modo a associação entre o anafórico e o termo – âncora (pedido de ajuda) se estabelece pelo vínculo dado pelo conhecimento de mundo e pela recriação do fato jornalístico sob a perspectiva do cronista. A resolução da anáfora associativa

baseia-se, portanto, em princípios cognitivos e interacionais, uma vez que a associação entre *Fome Zero* e *Pedido de ajuda* é criada no processo discursivo, ou seja, se estabelece no diálogo entre os textos-base e sua reconstrução por meio da crônica, e toma o leitor como um crítico que pode estabelecer intertextualidade.

Na cena seguinte da narrativa, a formiga oferece empréstimo à cigarra, no entanto, a oferta proposta baseia-se em uma transação financeira formal, uma vez que a formiga inaugurara uma financeira e agora empresta dinheiro a juros. Nesse novo cenário, reelaborado pelo cronista, os anafóricos que se reportam ao modelo cognitivo de um empréstimo, mantêm com ele uma relação associativa de pertinência, como mostra o quadro seguinte:

Quadro II

Âncora textual	Análise Associativa
2. Uma financeira: empréstimo de dinheiro a juros	d) um empréstimo
	e) a tendência dos juros
	f) as previsões de alta
	g) a dança dos juros

Nesse caso, os anafóricos (SN₂) – *um empréstimo, a tendência dos juros, as previsões de alta, a dança dos juros* – associam-se ao termo antecedente (SN₁) *uma financeira*. Aqui, a resolução das anáforas associativas se dá por meio do vínculo lexical, na ativação de palavras pertencentes ao mesmo campo semântico, numa relação partitiva, em que as expressões nominais anafóricas ancoram-se ao termo financeira como elementos pertencentes a esse modelo cognitivo. Assim, além do conhecimento lingüístico, aciona-se também o conhecimento de mundo que permite o reconhecimento do modelo cognitivo que caracteriza uma operação financeira.

Por outro lado, o anafórico (g) *a dança dos juros* reporta-se tanto ao universo financeiro que se dá crônica, quanto ao frame *escola de dança* em que ancora-se também o trecho final do texto “Ali, mediante módico pagamento, a cigarra poderia até aprender a dançar aquele sensacional balé, ‘A dança dos juros’...”

Nessa teia de relações instituída na crônica, ao se reconfigurar a forma de empréstimo proposta pela formiga se intenciona não apenas reiterar o egoísmo da personagem, já mencionado pelo texto jornalístico e pela fábula, mas ressaltar o oportunismo de suas ações. Assim, na versão apresentada pelo cronista, a recategorização da personagem formiga constrói-se no enredo criado na crônica e ancorado nos textos-base, formando uma teia referencial que ultrapassa o co-texto da narrativa e ampara-se também, nos textos que a antecedem.

Desse modo, o texto-base I insere-se à crônica, quando o cronista cita literalmente o trecho da notícia que, a partir da pesquisa científica, as formigas caracterizam-se como “traíçoeiras, egoístas e corruptas”. Esses dados são reelaborados,

na narrativa ficcional, e em tom de ironia se expressam por meio das ações da formiga, dadas em *o maquiavelismo das formigas, capazes de qualquer coisa para arranjar uma boquinha para a prole da corte (de preferência com cartão corporativo)* e em *providencialmente uma filha da formiga tinha acabado de inaugurar uma escola de dança*.

Tais ações ancoradas nos textos-base, possibilitam que o leitor as associe tanto ao contexto de produção da crônica, quanto ao que culturalmente se reconhece como práticas de oportunismo e corrupção. Há, nesse caso, uma relação associativa ativada segundo o conhecimento de mundo partilhado pelos leitores e instaurada no e pelo discurso, o que requer destes não só conhecimento lingüístico, mas o saber enciclopédico, o inferencial e o criado no diálogo entre os textos-base e a crônica.

Todas essas informações, ancoradas no co-texto e no contexto em que se dá a produção da crônica, objetivam a recategorização da figura da personagem formiga e, com isso (re)construir o sentido do texto. Desse modo, a formiga como símbolo do trabalho, representada na fábula de Esopo é focada sob nova versão, como se antecipa no título da crônica. Em *A cigarra e a formiga: a nova versão*, a recategorização dos referentes – a formiga e, conseqüentemente, o sentido da fábula –, se dá mesmo sem explicação anterior destes no co-texto ou no contexto de produção e, no entanto, é possível recuperá-los pelo conhecimento de mundo que temos a respeito da fábula *A cigarra e a formiga* de autoria de Esopo, a qual marca a oposição entre o ócio e o trabalho representados, respectivamente, pela cigarra e pela formiga, na fábula de Esopo, e na releitura de Bocage.

4. Considerações finais

A resolução das anáforas associativas ancoradas em modelos cognitivos requerem, portanto, que se acione tanto o conhecimento semântico e cognitivo, quanto o conhecimento de mundo e de natureza internacional, dado pelo gênero textual e pelo contexto dialógico em que a crônica é produzida, para que se estabeleça o sentido pretendido pelo autor do texto. E, nesse processo, a atividade referencial realizada pelas anáforas associativas estabelece relações que se associam não apenas ao enquadre cognitivo lexical, mas também à situação instaurada na construção da crônica, instituindo-se assim, num recurso estratégico de associações que tecem o texto e seus sentidos. Nesse sentido, a instituição dos frames nas crônicas perpassa pelo processo de reiteração ou de reconstrução desses, na recriação do fato jornalístico, por meio da narrativa ficcional. E, assim, a configuração ou reconfiguração desses modelos cognitivos tem a função de, também, recategorizar os objetos de discurso sobre os quais se fala, visto que, segundo Fávero (1971, p. 74), o frame não deve ser visto como uma noção que se utiliza de esquemas fixos, mas também como uma noção interativa em que a interpretação contextual é negociada pelos falantes.

Nessa perspectiva, na crônica *A cigarra e a formiga: a nova versão*, ao se recriar o frame em que se dá o enredo, recategoriza-se também e reconstrói-se o sentido do texto. Tem-se, nesse caso, uma (re)construção que se dá na interação, ou seja, no diálogo entre o fato jornalístico e a narrativa ficcional.

Nesse processo, a teia referencial constituída no texto, por meio das anáforas associativas, configura-se como um recurso lingüístico estratégico que atua não só na

progressão textual, mas também na orientação discursiva. Assim, as expressões anafóricas associativas funcionam como elementos que, segundo princípios semânticos, enciclopédicos interacionais, se relacionam ao contexto comunicativo e, desse modo, na interação, reiteram ou reconstróem os esquemas cognitivos e o sentido do texto.

Nessa perspectiva, segundo Marcuschi (2007), o sentido que atribuímos às palavras, em cada uso, é providenciado pela atividade cognitiva situada e, portanto, “a língua é um sistema de indeterminações sintático-semânticos que se resolvem nas atividades dos interlocutores em situações sócio-comunicativas” (MARCUSCHI, 2007, p. 70).

5. Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. Aula. (Trad. Leyla Perrone-Moisés). 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000, 89 p.

FÁVERO, L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Editora Ática, 1991.

KOCH, I. Introdução à lingüísticatextual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 190 p.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006^a. 168 p.

_____ & ELIAS, Vanda. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006b. 216 p.

MARCUSCHI, Luz Antonio. “Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras”. In: *Referenciação e discurso*. KOCH, I.; MORATO, E.; BENTES, A. C. (orgs) São Paulo: Contexto, 2005. 342 p.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 170 p.

MELO, José M. “A crônica”. In: *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. CASTRO, G. ; GALEANO, A. São Paulo: Escrituras, 2002. Coleção Ensaio Transversais. 180 p.

SCLIAR, Moacyr. “A cigarra e a formiga: a nova versão.” In: *Folha de São Paulo*, 31 de março de 2008. C2.

ZAMPONI, Graziela. *Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações*. Campinas. Tese de doutorado, IEL/unicamp, 2003. Disponível em: www.unicamp.br/anuario/2003/IEL/IEL_tesededoutorado.html. Acesso em 03 de fev. de 2008. 273 p.